

O *continuum* da vida nos perfis virtuais póstumos do Facebook

Original study

Cândida Almeida

Faculdade Cásper Líbero, Brazil; candidaalmeida@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5368-2613>

Received: April 2022; Accepted: May 2022

Resumo: O presente artigo trata das implicações semióticas dos processos interativos em mídias sociais que se estabelecem na reversão de perfis do Facebook em memoriais póstumos e os processos comunicacionais que se potencializam a partir da constatação de que conversações com o perfil da pessoa falecida são mantidas por sua rede de contatos. É colocada em questão a estrutura de organização *signíca* e sistêmica do Facebook como propiciador de formas específicas de compreensão das identidades *on-line* e *off-line* do ser humano no ambiente das mídias sociais. O desenho teórico dá destaque aos estudos sobre signos e semiose forjados por C. S. Peirce para ajudar a compreender a fenomenologia da comunicação que se instaura no processo de continuidade entre a vida física-corporal e suas representações simbólicas nas redes digitais.

Palavras-chave: memoriais póstumos; Facebook; Semiótica Peirceana; semiose; redes sociais; morte

THE CONTINUUM OF LIFE ON FACEBOOK'S VIRTUAL MEMORIALS

Abstract: This article examines the semiotic implications of social media interactive processes established when Facebook profiles are memorialized following the user's death. It also observes the communication processes that occur through the deceased's contacts interactions with the virtual memorial page. It points to Facebook's symbolic and systemic organization structure role in creating a specific comprehension of online and offline identities in the social media environment. The theoretical framework focuses on C. S. Peirce's signs and semiosis studies to help understand the communication's phenomenology revealed in this context as well as the process of continuity of the physical life through its symbolic representations on digital networks.

Keywords: virtual memorials; Facebook; Peircean semiotics; semiosis; social networks; death

a morte não foi feita para ser
entendimento
a morte é dessabida
cheia de desrazão
foi costurada para ser aguentamento
bordada de interrogação

esquisitice essa de morrer
logo ser o mais lembrado
mais vivinho na querença

de viver aqui do lado
até aguento que se foram
só não sei bem lá por quê
por que é que caminharam
antes de mim
e de você
?

(Almeida, 2019)

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de compreender parte do atual contexto da comunicação digital interativa com específicos reflexos na formação das identidades pessoais em suas representações digitais nas mídias sociais, este artigo busca analisar e capturar a essência semiótica do processo comunicacional que se estabelece entre internautas e perfis de pessoas falecidas. Buscando apoio científico no método fenomenológico de pesquisa, a presente proposição de caráter qualitativo se volta, especialmente, ao fenômeno de surgimento e da dinâmica representacional dos memoriais virtuais póstumos na rede social Facebook. Memoriais, estes, que são a decorrência (evolução representacional) de perfis pessoais que já foram administrados em vida por internautas, mas que, após seus falecimentos, continuam representando os sujeitos, seja por um novo administrador da conta (herdeiro), seja pela permanência do perfil que continua sendo parte de processos interativos na rede social.

Embora a empresa Meta (administradora do Facebook) aponte caminhos para a questão do gerenciamento de perfis póstumos¹, o foco central deste artigo é discutir, a partir de uma visão semiótica e sistêmica, a manutenção das relações interativas com os perfis das pessoas, mesmo que postumamente. Ou seja, entender que tipo de comunicação se instaura nesse contexto sistêmico específico das mídias sociais, quais as singularidades e consequências simbólicas desse fenômeno que ocorre, cresce e se naturaliza em situações que, cada vez mais, passam a fazer parte do nosso modo de ser e viver nas redes sociais.

1 OS MEMORIAIS VIRTUAIS

Os memoriais virtuais são espaços na internet que têm como propósito homenagear pessoas mortas, por meio da divulgação on-line de fotos, vídeos e textos, sejam produzidos em vida pelo falecido, sejam produzidos por entes ou fãs para manter presente a memória do homenageado. Os formatos dos memoriais virtuais on-line podem variar, especialmente se considerarmos a evolução das mídias e suportes de acesso às redes digitais interativas. Pode ser um *website* criado para homenagens a uma pessoa específica, portais desenvolvidos com o objetivo de abrigar tributos *post mortem* de diversas pessoas — os chamados cemitérios virtuais —, uma página ou um grupo de discussão em uma plataforma de mídia social, bem como podem surgir em decorrência da transformação de perfis pessoais em perfis *in memoriam* — em memória.

A existência e utilização dos memoriais virtuais são concomitantes com a própria popularização da internet. Em meados dos anos 1990, alguns projetos foram

realizados com o objetivo de desenvolver *sites* com tributos a celebridades falecidas. O portal “Find a Grave” (<https://www.findagrave.com>, acesso em 20 fev. 2022) data sua fundação em 1995 e é considerado pioneiro no formato de hipermídia *on-line* dedicada a tais homenagens. Em 1998 foi fundado o *site* “Legacy” (<https://www.legacy.com>, acesso em 20 fev. 2022), uma proposta de obituário virtual para qualquer cidadão. Criavam-se, assim, espaços na *web* para fãs, família e público em geral ter acesso a informações e homenagear seus entes falecidos; espaços esses que não apenas minimizavam o impacto da separação, mas também acabavam se tornando um exercício de manutenção do elo com a pessoa morta.

Embora esses portais ainda estejam em funcionamento e em constante atualização, com a expansão das mídias sociais os memoriais virtuais estão se deslocando dos *sites* específicos para páginas, perfis e grupos nas redes sociais da internet. Se nos portais o internauta tem de ir até a página e lá realizar seus mergulhos nas memórias que o relacionam com o falecido, nos ambientes de mídias sociais, a qualquer momento, um *post*² ou uma marcação de um amigo pode se tornar um inesperado reencontro com a “pessoa” em perfil, num brusco direcionamento para o lugar de confronto com a realidade de que um “amigo” está morto.

2 OS MEMORIAIS PÓSTUMOS DO FACEBOOK

Fundado em 2004 por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, o Facebook (<http://facebook.com>) é um ambiente de rede social na internet. Sempre reinventando suas funcionalidades, possibilidades comunicacionais, formas de interação e interface, o Facebook lidera o *ranking* de acessos das principais mídias sociais do mundo ocidental, o que justifica o recorte da presente pesquisa. Segundo levantamento da empresa alemã de estudos estatísticos Statista, em fevereiro de 2022, o Facebook se posicionava como a rede social com maior popularidade da internet, contando com quase três bilhões de contas ativas, seguido pelo YouTube (2,5 bilhões), WhatsApp (2 bilhões), Instagram (1,4 bilhões), WeChat (1,2 bilhões) e TikTok (1 bilhão), respectivamente.

Segundo D.E. Wittkower (2012), mais do que uma plataforma digital interativa de comunicação interpessoal, o Facebook é o resultado das relações entre as pessoas, um lugar de encontro com o outro, de convivência diária e, por isso, vai se moldando nesses processos relacionais.

Em sua maior parte, o Facebook são as pessoas. Pessoas que conhecemos bem. Pessoas que não conhecemos tão bem. Pessoas com as quais nos relacionamos e que conhecemos ao longo da vida.

1 Após o falecimento de uma pessoa, a empresa pode ser acionada por um parente (ou amigo de comprovada proximidade) para transformar o perfil pessoal em memorial. Os detalhes da solicitação podem ser conferidos em: <https://www.facebook.com/help/1506822589577997> (acesso em 20 fev. 2022).

2 Termo popularizado, mesmo em língua portuguesa, para designar uma postagem em mídias sociais.

O continuum da vida nos perfis virtuais pós-tumos do Facebook

Pessoas que acabamos de conhecer. Pessoas com as quais trabalhamos. Pessoas que conhecemos on-line.

O fato de o Facebook ser as pessoas – *todas* essas pessoas – significa que alguns de nós irão amar o Facebook e outros irão odiá-lo. Pessoas que nem sempre estão contentes. Pessoas que são difíceis e frustrantes, às vezes. E, se esperamos que as pessoas sejam uma fonte de discussão interessante e significativa, podemos ficar decepcionados, a menos que estejamos dispostos a iniciar essa conversa com a gente mesmo. (Wittkower 2012, xxix, tradução nossa)³

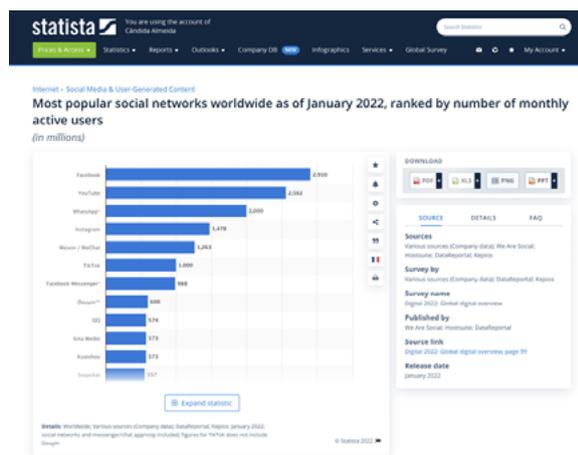


FIGURA 1 – *Ranking* mundial de popularidade dos 15 principais *sites* de redes sociais em fevereiro de 2022. A classificação foi realizada pela contagem do número de contas ativas. Fonte: Statista – The Statistics Portal. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/> (acesso em 20 fev. 2022).

Ainda de acordo com o autor, “O *feed* são nossos amigos” (Wittkower 2012, xxix, tradução nossa)⁴. Ou seja, ele é construído pela alimentação e atualização constante de informações de páginas, grupos e pessoas conectadas, sabendo-se que a ferramenta é a linha do tempo dedicada à exibição (por meio de lógica algorítmica própria de cada plataforma) das informações mais relevantes para cada perfil, de acordo com o histórico de ações e marcas deixadas na rede social e na *web*.

Dentre as vastas conexões e informações que surgem nos *feeds*, alguns dados fundamentais por vezes não estão atualizados, o que ocorre em função dos filtros algorítmicos da plataforma, que pode gerar um contexto ambíguo da própria realidade. Esse é o caso da



FIGURA 2 – Perfil de Francisco Conte, morto em 3 de maio de 2016. As mensagens em sua página pessoal apontam para um processo de conversação intensa sobre o falecido e com o próprio, mesmo quatro anos após sua morte. Disponível em: <https://www.facebook.com/francisco.conte.16> (acesso em 10 dez. 2021).

não notificação da morte de alguém que está conectado a nós. Se não houver comunicação oficial ao Facebook sobre o falecimento de um parente, ou se o fato não for midiaticamente notório, não haverá diferenciação formal entre os perfis de pessoas vivas ou mortas (como a publicação do texto “em memória de” sobre a imagem da capa em caso de óbito).

3 Do original: “Facebook, for the most part, is people. People we know well. People we don’t know well. People we’re related to, and have known all our lives. People we just met. [...] People who we work with. People who we met online. The fact that Facebook is people – *all* these people – means that some of us will love Facebook and some of us will hate Facebook. People are not always great fun. People are sometimes difficult and frustrating. And if we expect people to be source of interesting and meaningful discussion, we might be disappointed, unless we’re willing to start those conversation ourselves”. (Wittkower 2012, xxix)

4 Do original: “The feed is our friends”. (Wittkower 2012, xxix)

Almeida

O perfil do professor e cineasta Francisco Conte, morto em 2016, por exemplo, não foi oficialmente transformado em memorial póstumo e ainda recebe menções de felicitações, marcações em postagens e convites para eventos. Nesse tipo de situação, o maior conflito interpretativo se dá pela sobreposição de mensagens de pessoas que consideram Conte ainda fisicamente vivo, pessoas que sabem de sua morte — muito embora ainda continuem mantendo diálogos com o perfil dele, como se suas mensagens pudessem alcançá-lo — e pessoas que tentam alertar a rede para o fato de seu falecimento.

É nesse contexto de complexidade comunicacional e de representação midiática dos sujeitos que residem algumas das questões sobre a presença de memoriais póstumos no Facebook. No que se transforma semioticamente o perfil de alguém morto? Quem é aquele ser que permanece digitalmente e cujos contatos, na maioria das vezes, insistem em estabelecer conversações? Para o que apontam esses processos de comunicação interativa entre perfis de pessoas vivas e de pessoas mortas?

É importante frisar que o que diferencia a utilização de redes sociais com finalidade de memorial póstumo e de sites específicos para esse fim é o fato de que, em redes sociais como o Facebook, além do uso gratuito, o falecido possui uma extensa rede de relações interpessoais conectadas em vida. Assim, torna-se mais amplo o processo de notificação, mais acessível a realização de honrarias em memória do morto, e passa a ser mais profundo navegar nas memórias da pessoa falecida, uma vez que foi o próprio quem construiu o percurso narrativo de sua história, aquele representado na *timeline* (linha do tempo de postagens) de seu perfil.

Como já dito anteriormente, a forma oficial no Facebook de registro do falecimento de alguém é a transformação do perfil pessoal em memorial⁵, o que deve ser indicado com comprovada ocorrência pelo contato herdeiro⁶ da conta ou por alguém de notável proximidade com o falecido. O perfil de Ubirajara de Lima, morto em 12 de junho de 2015, foi transformado em memorial, mas, mesmo sendo clara a menção “em memória de”, o processo de conversação com Lima se mantém, como na menção de um contato: “Te amo infinito, Bira!”.

Caso a notificação não seja formalizada junto à empresa, ainda assim é possível identificar pistas da transformação do perfil em um ambiente póstumo pela própria dinâmica de conversação dos seus “amigos” nas mensagens da *timeline* do perfil do morto e nas marcações do nome do falecido em *posts* e comentários sobre seu óbito, o que acaba por transformar o espaço de representação do sujeito (perfil) em um memorial, fazendo com que o sistema de comunicação indique a própria condição póstuma, como no caso da menção “FALECIDO” de um usuário na imagem da *timeline* de Francisco Conte (Figura 2).



FIGURA 3 — Perfil de Ubirajara de Lima. Disponível em: <https://www.facebook.com/ubirajara.delima.3> (acesso em 20/2/2022).

3 SER E PERMANECER NAS MÍDIAS SOCIAIS

Ao tratarmos as ideias de existência (ser) e permanência (continuidade) no contexto das mídias sociais, recorremos aos escritos de Charles Sanders Peirce (1974, 1994, 1999) para buscar clareza e entender os efeitos do que está momentaneamente representado (o sujeito pelo seu perfil da rede social) e a trajetória dessa representação no interior das conexões com a rede. Consideram-se, no aspecto das conexões, as relações e interações tanto com os indivíduos vinculados ao perfil quanto com a própria plataforma em suas múltiplas representações signílicas interfaceadas (verbais, visuais, sonoras, audiovisuais e interativas). Trata-se de um fenômeno complexo que ocorre e se desdobra de maneiras múltiplas e, muitas vezes, imprevisíveis.

A base do pensamento peirceano está apoiada na sua proposição da fenomenologia, da qual são extraídos os fundamentos para o estudo das três categorias universais que governam a experiência, as quais

5 A empresa designa esse processo como “solicitação de memorial”. As informações e trâmites podem ser conferidos no link: <https://www.facebook.com/help/contact/651319028315841> (acesso em 20 fev. 2022).

6 O contato herdeiro é a pessoa indicada pelo dono do perfil antes da sua morte. As informações estão disponíveis em: <https://www.facebook.com/help/1568013990080948> (acesso em 20 fev. 2022).

O continuum da vida nos perfis virtuais póstumos do Facebook

nomeou como *primeiridade* (*Firstness*), *secundidade* (*Secondness*) e *terceiridade* (*Thirdness*). A Fenomenologia Peirceana cuida do entendimento do que é o *faneron* (fenômeno). Para Peirce, o *faneron* é todo e qualquer elemento observável, qualquer coisa que se apresente em uma mente qualquer, independente da sua corporificação. Segundo Peirce, as três categorias fenomenológicas ocorrem conjuntamente e de modo engendrado, muito embora seja possível perceber, em um fenômeno, a predominância de uma delas.

A primeiridade rege as possibilidades de um fenômeno tornar-se um existente. Cabe a ela, a potência de materialização, a abertura para a experiência no mundo, a qualidade do fenômeno. Portanto, pelo olhar da primeiridade, todo fenômeno tem, em si, a possibilidade de ocorrer. As vastas possibilidades de apresentação — e, conseqüente, representação — de um sujeito na rede social anuncia a ocorrência da primeiridade. O que apresenta o sujeito no contexto das mídias sociais são, para além da sua identidade biológica, as infinitas possibilidades de associação com outros signos da dinâmica relacional da rede. Signos que podem surgir, por exemplo, da marcação⁷ do perfil em um contexto imprevisto. Em situações como essas, a identidade do sujeito passa a estar associada a tal menção, o que cria um campo potente e latente de possíveis representações da pessoa. Ou seja, abrem-se as possibilidades de identificação de quem é o ser ali apresentado.

A secundidade corresponde à ocorrência do fenômeno, sua apresentação, existência, ação, reação, conflito e resistência. É a categoria que conforma a atualidade momentânea do fenômeno. A própria existência de um perfil em uma rede social já indica a ocorrência do fenômeno e vai demarcar o instante de apresentação do fenômeno, direcionando-o à interpretação. O exato instante de uma atualização no *feed*, antes de sua repercussão em rede, é um recorte do fenômeno em sua secundidade.

Seguindo o exemplo acima, o instante seguinte da atualização anuncia que tal ocorrência ganhará corpo de representação, ou seja, estará no lugar de outra coisa, representando-a. Essa é a marca fundamental da terceiridade, e está associada a ela a regência do fenômeno como representação e função interpretativa. Aliam-se, neste contexto, as ideias de propósito, generalidade, significação, mediação e codificação. Ao fazer parte de uma plataforma como o Facebook, um perfil poderá ser interpretado de infinitas maneiras, dependendo da forma como se apresenta ou das relações (muitas vezes, imprevistas) que são estabelecidas. A interpretação do perfil e, conseqüentemente, do próprio sujeito, estará aberta às inúmeras associações possíveis dentro da rede (comentários, postagens, fotos, menções) e fora dela, quando o fenômeno se expande interpretativamente na concepção mental de outra pessoa que especula quem é o sujeito mediado por seu perfil. Abrem-se, na terceiridade,

infinitas possibilidades — o campo potencial — de o fenômeno tornar-se uma representação. Habita, nesse contexto, a gênese da ideia de signo para Peirce. Um signo é a própria ideia de representação, sendo que toda representação tem, engendrada em si, a regência concomitante das três categorias fenomenológicas.

Partindo da lógica triádica das categorias fenomenológicas, Peirce afirma que o signo (representação) é subdividido em três partes. Para ele, o signo é algo, seu *representamen*, que é determinado por seu objeto (um referencial), o qual, por sua vez, determina um interpretante (signo resultante da relação entre o objeto e o signo *representamen*). Assim como nas categorias, as partes do signo também ocorrem de maneira conjunta, simultânea e num processo ininterrupto de determinação de um signo em outro mais evoluído (seu interpretante).

Nenhum signo é estático para Peirce. Segundo ele, tudo é vivo, cresce, se transforma, evolui. Eis a ideia de *continuum*. Cabe ao *continuum* a noção de continuidade, a concepção metafísica, em acordo com o autor, de conceber a ocorrência dos fenômenos no mundo. Para Peirce, está associada à ideia de continuidade, o conceito de semiose. A semiose é a própria natureza da ação *signica*, ou seja, a seqüência de signos se transformando em novos signos, em um processo incessante de representações, *ad infinitum*. André De Tienne (2007), ao expor o conceito peirceano de semiose, afirma que

O homem é um signo: nós somos fundamentalmente seres semióticos. A semiose define a nossa essência e, assim, nós aprendemos, e nossa aprendizagem é, por sua vez, uma emanção da própria aprendizagem do universo. Suas verdades eternas são eternas porque nunca terminam de se moldar, o que faz por determinar — ou filtrar os signos que nós, entre outros, somos então inclinados a aprender a ler. E, conforme vemos, nos mantemos folheando páginas de um livro do qual compartilhamos a autoria, mas não a última.
(De Tienne 2007, 89)

Analisando os aspectos que envolvem a representação e continuidade dos sujeitos nos processos comunicacionais — mediados por interfaces computacionais — nas mídias sociais, à medida que surgem especificidades técnicas que ampliam as formas de estabelecermos nossas relações interpessoais, tendemos a incorporar parte dessas propriedades, ou seja, trazê-las para fazerem parte de nossa própria identidade. Esse é um processo de naturalização da técnica no seio social. Segundo Martha Gabriel, “Não somos mais *on* e *offline* — somos *on* e *off* ao mesmo tempo, simbioticamente, formando um ser maior que o nosso corpo/cérebro biológico, nos expandindo para todo tipo de dispositivo e abrangendo outras mentes e corpos” (Gabriel, 2012, 51). Em seus estudos, Gilles Deleuze (2007) aponta inerentes contradições à própria condição de construção da

7 Marcação é a ação de associar um perfil específico em alguma postagem, gerando um *link* que o aponte.

identidade dos indivíduos no mundo. No livro *Lógica do Sentido*, ele apresenta sua Teoria do Sentido, a partir de 34 séries de paradoxos essenciais. Segundo Deleuze, as séries são paradoxais justamente pelo fato de a ideia de sentido estar associada ao não-senso. Ou seja, como uma entidade não existente. Segundo ele,

O indivíduo não é separável do mundo, mas o que chamamos de mundo? [...] Um mundo envolve já um sistema infinito de singularidades selecionadas por convergência. Mas, neste mundo, constituem-se indivíduos que selecionam e envolvem um número finito de singularidades do sistema, que as combinam com aquelas que seu próprio corpo encarna, que as estendem sobre suas próprias linhas ordinárias e mesmo são capazes de reformá-las sobre as membranas que colocam em contato o interior e o exterior (Deleuze 2007, 113)

Como posto, de maneira geral, a relação indivíduo-mundo é dada por um sistema de trocas (envolvimento) singulares em processos de combinação de signos do sistema exterior (mundo) para o sistema interior (ser). Essa passagem nos traz a ideia de que essas singularidades (signos) a que Deleuze faz referência evoluem (reformam-se), na medida em que trocam propriedades com o sistema-mundo que é o próprio sujeito e seu ambiente.

Partindo de tal entendimento, e voltando o olhar ao objeto deste estudo, é coerente afirmar que a identidade de um sujeito representado por seu perfil estará afetada pelo contexto dos processos comunicacionais, relacionais e de emergência sógnica que se dão nas mídias sociais. Parte da representação de um sujeito é a própria pessoa em vida (quando cria o perfil), mas parte dela é o contexto sógnico em todas as suas possibilidades fenomenológicas que se forma em seu entorno. Relacionando os sujeitos com suas representações nos ambientes de redes sociais, na morte do corpo físico, fenomenologicamente, há que se considerar a continuidade desse ser nos signos digitais apresentados como rastros de sua existência. Não se trata da memória de alguém sobre uma pessoa morta, mas das dinâmicas de conversações e interações que apontam para a manutenção da identidade não apenas em possibilidades (primeiridade), mas na concreção do perfil que permanece (secundidade) e sua continuidade sógnica (terceiridade).

Vale pontuar, no entanto, que a lógica de continuidade, princípio fundamental do sinequismo peirceano (concepção teórica que é base para o conceito de semiose) é inerente a todo e qualquer processo sógnico. Nesse sentido, a morte do corpo físico (signo), mesmo o sujeito não estando representado midiaticamente em perfis de mídias sociais, leva a processos de gerações de interpretantes de modo ininterrupto. Rememorações, orações, saudações individuais ou coletivas, ligadas a procedimentos religiosos ou não são, por excelência lógica, interpretantes dinâmicos que demarcam a permanência

do ser em outros signos mais evoluídos, em acordo com a teoria dos signos de Peirce.

Ainda que se considere a continuidade como um processo lógico e natural de todo e qualquer signo, o que está em jogo aqui são as especificidades dos processos de semiose decorridos das relações entre pessoas vivas e perfis de pessoas mortas. Sejam perfis demarcados como memoriais ou moribundos (perfis de pessoas mortas, mas que não estão sinalizados como tal), tais signos permanecem como interpretantes (dinâmicos) do próprio sujeito, mediando trocas comunicacionais e se tornando manifestação simbólica da existência e conseqüente permanência daquela pessoa.

4 IDENTIDADE SIMBÓLICA NOS PERFIS DAS REDES SOCIAIS

Independentemente de todas as ações administrativas que envolvem as tomadas de decisão sobre o que fazer com as marcas da vida digital deixadas por uma pessoa quando falece, é fundamental questionar o que somos a partir do momento em que nosso ser se constrói por meio de múltiplas identidades. Uma delas é exatamente quem somos no mundo físico, esse mundo desconectado, *off-line*. Mas existe uma porção de outras identidades que se estendem pelas múltiplas apresentações que vamos construindo ao longo da vida nas teias ciberculturais. Para Gabriel (2012), nós vamos nos tornando seres híbridos, construindo nossas identidades em camadas entre o mundo conectado e não conectado.

A hiperconexão e a proliferação de plataformas digitais passa a permitir ao ser humano transferir parte de si para o mundo digital possibilitando um estado de viver constantemente em trânsito entre as redes 'on' e 'off line'. O estado de 'ser' conectado está reconfigurando o ser humano em um híbrido (Gabriel 2012, 51).

Parte importante de nós mesmos está nessa identidade que se constrói entre o ser físico (corporal) e o ser digital interfaceado que se conecta nas redes de informação da internet. Esse ser é simbólico e o é pelo fato de que a experiência humana nas redes sociais é realizada não apenas pelo sujeito em sua matéria corporal, mas por algo que o representa, que está em seu lugar, que age e deixa rastros de nossa condição de sujeito: o nosso perfil. Quando alguém interage com outra pessoa no Facebook, naturalmente pensa estar se relacionando com o sujeito e não com uma coletânea de informações digitais interfaceadas. Se um (ou mais) signo(s) se reporta(m) a outra coisa sem nenhum tipo de esforço compreensivo, convencional, trata-se, pois, da ação sógnica simbólica. Para Peirce, o símbolo é um tipo especial de signo. "Um símbolo é um signo que se refere ao objeto que o denota em virtude de uma lei, geralmente numa associação geral de ideias que opera para fazer com que

O continuum da vida nos perfis virtuais póstumos do Facebook

o símbolo seja interpretado se reportando ao seu objeto” (Peirce, CP 2.249, tradução nossa)⁸. No caso em questão, entende-se o perfil total de uma pessoa — o que inclui sua *timeline* — como um símbolo, cujo objeto imediato é a própria pessoa que o criou e o administra, agindo por intermédio (mediação) desse símbolo. Acontece que há outros objetos nessa relação — menos fortes, é verdade, mas que se apresentam em toda complexidade simbólica de construção da identidade. Relacionando a noção de símbolo à forma como nós encaramos este tipo de signo de tamanha força representativa, Peirce afirma que

Um símbolo, uma vez sendo, se espalha entre pessoas. No uso e na experiência seu significado cresce. Palavras como força, lei, riqueza, casamento têm significados muito diferentes para nós em relação àqueles que tinham para nossos antepassados bárbaros. O símbolo pode, por meio da espada de Emerson, dizer ao homem: Do teu olho sou teu olhar. (Peirce, CP 2.302, nossa tradução)⁹

Aplicando tal noção, “estar nas mídias sociais” é uma representação simbólica do próprio sujeito. Um eu projetado digitalmente, um conceito geral daquilo que é a pessoa e que se coloca no lugar dela aos olhos do mundo (outras pessoas a ela conectadas). “O símbolo está conectado ao seu objeto em virtude da ideia da mente que usa o símbolo sem a qual conexão alguma poderia existir”. (Peirce, CP 2.299, nossa tradução)¹⁰. O símbolo (a representação digital da pessoa nas mídias sociais) se conecta ao seu objeto (a pessoa) por uma força tal que faz com que a concepção geral de quem é o ser seja dada pela sua representação na rede social. Em tal contexto cabe ressaltar que representar é “Estar no lugar de, ou seja, estar numa tal relação com outra coisa que, para determinados propósitos, seja tratado como se fosse aquele outro” (Peirce, CP 2.273, nossa tradução)¹¹ — aquele outro que é seu objeto. Assim, para Peirce, um símbolo (perfil) tem

o poder de generalizar a ideia do próprio objeto (pessoa) que o determina.

Acontece que o “estar nas mídias sociais” vai além do perfil que o próprio indivíduo produz de si. O perfil de uma pessoa em uma rede social como o Facebook somado à sua coletânea de ações nesses sistemas de mídias sociais expõem, em certos momentos, suas características icônicas, como em fotografias da própria pessoa (os autorretratos — e *selfies* são bons exemplos), e, em outros, assumem um perfil notadamente indicial, a partir de pistas sobre a identidade da pessoa (como *likes*¹² que indicam os gostos, comentários que indicam posicionamentos, *check-ins*¹³ que indicam seus interesses).

O todo da existência de um indivíduo no Facebook, ou seja, tudo aquilo que a pessoa escolhe para se representar (fotos, *posts*, comentários, reações de *likes*, *emojicons*, *reactions*¹⁴, engajamentos, curtidas, compartilhamentos etc.) somado àquilo que é reportado a ela por outrem (marcações em fotos, marcações em comentários, compartilhamento no mural) compõem um conjunto de representação do ser digital.

Esse ser digital, que não é separado do outro, o biológico, é uma extensão do ser geral que é essa pessoa. O sujeito é composto por diversas representações, que, por sua vez, são resultado, em parte, do ser encarnado, do ser que existe nas relações sociais, do ser que existe na relação com o mundo e, especialmente, do ser que se projeta simbolicamente nas mídias sociais, tomando lugar da manifestação do ser como um todo.

5 A TIMELINE COMO SISTEMA DE TROCAS E REPRESENTAÇÃO

Uma das características que mais se destacam nas principais plataformas de mídias sociais é o recurso da *timeline*. Ela revela a história das publicações realizadas em um dado contexto (que é sistêmico) em ordem cronológica. No caso do Facebook, cada perfil possui uma

8 Do original: “A Symbol is a sign which refers to the Object that it denotes by virtue of a law, usually an association of general ideas, which operates to cause the Symbol to be interpreted as referring to that Object”. (Peirce, CP 2.249).

9 Do original: “A symbol, once in being, spreads among the people. In use and in experience, its meaning grows. Such words as force, law, wealth, marriage, bear for us very different meanings from those they bore to our barbarous ancestors. The symbol may, with Emerson’s sphynx, say to man, Of thine eye I am eyebeam”. (Peirce, CP 2.302).

10 Do original: “The symbol is connected with its object by virtue of the idea of the symbol-using mind, without which no such connection would exist.” (Peirce, CP 2.299).

11 Do original: “To stand for, that is, to be in such a relation to another that for certain purposes it is treated by some mind as if it were that other”. (Peirce, CP 2.273).

12 Formas de reagir positivamente a uma postagem.

13 Ações realizadas por um internauta para registrar a presença em um lugar específico. Ao chegar em um estabelecimento comercial, por exemplo, uma pessoa pode realizar o *check-in* do seu comparecimento em uma plataforma de mídia social, e, conseqüentemente, tal ação passa a ser pública para quem o segue em sua rede.

14 Botões disponíveis na plataforma Facebook que servem para reagir emocionalmente a postagens e comentários. Os *reactions* permanentes são: “curti”, “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “gr”. No entanto, a plataforma adiciona outros *reactions* sazonais, como “força” (no contexto da pandemia da COVID-19 entre 2020 e 2022) e “orgulho” (em menção ao orgulho LGBTQIA+).

Almeida

linha do tempo em sua página de apresentação pessoal que exibe suas principais informações e publicações. Pensado pelo ponto de vista sistêmico, o recurso da linha do tempo pode ser entendido como um mecanismo do sistema das mídias sociais.

A composição de um sistema é a coleção de suas partes. O ambiente de um sistema é a coleção de signos que agem sobre os componentes do sistema ou são objeto da sua ação. A estrutura de um sistema é a coleção de relações (em particular laço ou elos) entre os componentes do sistema, bem como entre estes e os itens ambientais. Os primeiros podem ser chamados de endoestrutura e os últimos de exoestrutura do sistema. Assim, a estrutura total de um sistema é a união desses dois conjuntos de relações. [...] Finalmente, o mecanismo de um sistema é formado pelos processos internos que o fazem funcionar, isto é, mudar em alguns aspectos enquanto o conservam em outros (Bunge 2006, 359).

O fato é que a timeline pessoal é um subsistema de signos que é parte de um sistema maior (o perfil da pessoa), cuja estrutura é definida pela rede de relações entre os sujeitos “amigos” no âmbito de um ambiente maior (o próprio Facebook). Esse ambiente maior, por sua vez, é parte da web, que é apenas uma fração da internet, composta por milhares de outros sistemas que compõem a sua endoestrutura. Assim, o conjunto de informações estruturadas e organizadas exibidas na *timeline* compõe parte dessa estrutura total, já que algumas dessas relações são provenientes do ambiente acrescido da parte do mecanismo interno desses sistemas formados em torno de cada perfil. Essa é uma construção que se dá no tempo (no *continuum*), na dinâmica das relações evolutivas desses sistemas, e que faz com que a construção da própria identidade do sujeito também se faça nas tramas do tempo.

Esses são processos constantes de organização/desorganização dos conjuntos sógnicos de informações hipermediáticas. Processos que são, por excelência, imprevisíveis e promovem interferências de seus ambientes (sistemas maiores) em função da emergência de propriedades sógnicas (como os *hyperlinks*) que transitam entre os sistemas que se ligam. Assim, a emergência de uma nova propriedade (ou signo) no conjunto de relações que se estabelecem tende a transformar o sistema, dado que “a transição de um agregado de elementos ou mesmo de sistemas para um sistema de nível mais alto é obtida a partir da emergência de propriedades que desaparecem se o novo sistema for decomposto [...]” (Santaella e Vieira 2008, 31). Tal dinâmica está diretamente ligada às trocas de propriedades internas do sistema (as ações das pessoas mediadas por seus perfis, por exemplo) que se associam às manifestações de informações, dinamizando o processo de trocas sógnicas. Considera-se, ainda, a evolução desses sistemas por meio da cessão de propriedades de sistemas maiores (ambientes), o que inclui

a própria web — e sua dinâmica evolutiva —, outros sites — ou informações externas que pautam as publicações —, os interesses pessoais de cada internauta ao reagir às publicações e os avanços tecnológicos que tornam os rumos um tanto quanto indeterminados.

No frenesi de informações em que o internauta vai se lançando entre um comentário e outro, uma curtida e outra, uma marcação e outra, pode acontecer de ser lançado à situação de estar de frente com o fato de um de seus “amigos” estar morto, notícia que chega pelo seu *feed*, geralmente postada (ou comentada) por algum outro contato em comum entre o internauta e o falecido. Quando algo assim acontece, é comum aparecer uma enxurrada de notificações sobre o falecido, com mensagens, fotos, depoimentos, consternações, menções e homenagens à pessoa que morreu. Simultaneamente a isso, caso a pessoa morta não tenha bloqueado totalmente os seus contatos de publicarem *posts* em seu mural, a *timeline* do perfil do morto passa a reproduzir a realidade do seu falecimento.

No entanto, o movimento de mensagens que surgem diretamente à pessoa (mediada pelo perfil, claro), parece indicar, em certo sentido, a manutenção da vida digital do sujeito, na medida em que aumenta substancialmente as informações da sua rede de relações com o perfil. Afinal de contas, a porção sógnica de representação do indivíduo permaneceu “viva” sistemicamente nas vias digitais interativas.

Trata-se, pois, de um processo comunicacional que é estabelecido por pessoas, mas que, pelo fato de estarem mediadas por interfaces interativas, ganha a dimensão de comunicação entre signos de força simbólica, uma vez que os perfis generalizam a representação do sujeito. Por trás dessa dinâmica, há que se considerar a tentativa dos indivíduos de darem continuidade a relações no plano digital interativo, uma consequência da expansão das mídias sociais neste tempo em que as possibilidades comunicativas alertam nossos sentidos para uma nova forma de ler a própria realidade social. “Se é verdade que o mundo expresso não existe senão nos indivíduos e aí existe como predicado, ele subsiste de uma maneira completamente diferente, como acontecimento ou verbo nas singularidades que presidem à constituição dos indivíduos” (Deleuze 2007, 115). Pode-se inferir, então, que a relação do sujeito nesse contexto sistêmico de trocas sógnicas (informações) com os perfis de pessoas falecidas estabelece uma continuidade sógnica de contornos específicos da apresentação do sujeito, mediada pelo perfil.

Assim, em um tempo, a pessoa está viva, seu perfil dinamiza-se tanto pela postagem de informações por parte dela quanto por parte de outros indivíduos (“amigos”), reverberando em dinâmicas sistêmicas de atualização da *timeline*, essa que representa a própria vida do sujeito. No outro tempo, a pessoa está morta, mas sua *timeline* sobrevive, operando sua representação em relações nutridas por várias outras pessoas que continuam fazendo parte de seu ambiente. A história

O continuum da vida nos perfis virtuais póstumos do Facebook

permanece correndo, é certo que com um enredo diferente, embora aquela estrutura que sempre representou a vida, a presença e a manifestação pública do indivíduo na sociedade, continue em curso, evoluindo, crescendo e ainda representando o sujeito. Nesse sentido, o processo de ressignificação de algo que simbolicamente representou de forma tão profunda o ser no mundo precisa ser alterado. Símbolos têm significação convencional, construção sólida, e só o tempo é capaz de reformar completamente suas membranas e não mais reportar ao objeto que tão fixamente o determinou. Desse modo, o objeto (a pessoa) permanece “viva”, mesmo que simbolicamente, nas relações de sua linha do tempo digital.

É considerando essa necessidade de ressignificação que Renata Rezende Ribeiro (2015) analisa a formação de grupos/comunidades dentro dos ambientes de redes sociais interessados em agrupar perfis de pessoas mortas e construir tipos de “cemitérios” das mídias sociais e provoca: “Acessar as páginas dos mortos é, em certo sentido, ‘entrar na morte com os olhos abertos’. Assim, a morte não é de forma alguma o fundamento de sua finitude, mas o ‘meu ser-possibilidade’” (Ribeiro 2015, 215).

Ao abordar a subjetividade humana pelo viés da Semiótica Peirceana, Vincent Colapietro (2014) traz luz às questões relacionadas à semiose e à constituição da identidade.

O sujeito é uma forma de semiose. A leitura de Peirce como um explorador de signos nos assegura a possibilidade de nos ler como produtos, processos e fonte de semiose. Sob esta perspectiva, a semiótica não nos cega em relação à subjetividade, mas nos revela sujeitos em sua natureza de não só usuários de signos, mas também com eles mesmos processos e produtos da semiose, O sujeito é tanto resultado como agente dessa prática sógnica (Colapietro, 2014, 13).

Vivenciar, pelas vias das linhas do tempo do Facebook, a morte de uma pessoa próxima, transforma a nossa própria relação com a ideia de continuidade da vida. Se antes nos preparávamos para essa sublime relação da ausência física, agora a manifestação pública de entes que buscam continuar a relação com o perfil da pessoa falecida nos direciona ao consolo icônico de que, ainda que corporalmente mortos, há continuidades a evanescer na nossa história. Uma delas nos faz crescer nas plataformas da vida digital. E, pois, continuemos! Entre cá e lá, a seguir...

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C., 2019. Dessabida morte. In *Quando fronteira*. São Paulo, Editora Patuá.
- BUNGE, M., 2006. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.
- COLAPIETRO, V., 2014. *Peirce e a abordagem do self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana*. Tradução de N. Milanez. São Paulo: Intermeios.

- DELEUZE, G., 2007. *A lógica do sentido*. Tradução de L. R. Salinas. 4. ed. São Paulo: Perspectiva.
- DE TIENNE, A., 2007. Aprendizagem *qua* semiose. In: QUEIROZ *et al.* (orgs.) *Computação, cognição, semiose*. Salvador: EDUFBA.
- GABRIEL, M., 2012. *Arte transmídia na era digital*. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-22092015-104912/pt-br.php>. Acesso em: 20/2/2022.
- PEIRCE, C., 1999. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva.
- PEIRCE, C., 1994. *The collected papers of Charles Sanders Peirce* (CP). Eletronic Edition Vols. I-VI. Hartshorne, C. & Weiss, P. (ed). Cambridge: Harvard University (1931–1935).
- PEIRCE, C., 1974. *Os pensadores*. São Paulo: Editora Abril, vol. XXVI.
- RIBEIRO, R., 2015. *A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Niterói: Eduff.
- SANTAELLA, L., VIEIRA, J., 2008. *Metaciência – Uma proposta semiótica e sistêmica*. São Paulo: Mérito.
- WITTKOWER, D. E., 2010. *Facebook and philosophy: what's on your mind?* Chicago: Carus Publishing Company.